

A ABORDAGEM JORNALÍSTICA NOS CASOS DANIEL ALVES E SANDRA MARA FERNANDES: UMA ANÁLISE DAS QUESTÕES GERACIONAIS E DE GÊNERO

 <https://doi.org/10.56238/arev6n2-157>

Data de submissão: 17/09/2024

Data de publicação: 17/10/2024

Miguel Rodrigues Netto

Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus Universitário de Sinop, Programa de
Pós-graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO
UNEMAT)

Sinop, Mato Grosso, Brasil

E-mail: miguel.rodrigues@unemat.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6990-4572>

Marinês da Rosa

Doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus Universitário de Sinop, Programa de
Pós-graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO
UNEMAT)

Sinop, Mato Grosso, Brasil

E-mail: marinesrosa@unemat.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0971-4061>

Elizângela Gomes dos Santos Siebiger

Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT),
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus Universitário de Sinop, Programa de
Pós-graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
(PROFSOCIO UNEMAT)

Sinop, Mato Grosso, Brasil.

E-mail: elizangela.siebiger@unemat.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-3956-1206>

Adriana Kelly Bandeira de Araujo

Mestranda do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional de Sociologia
em Rede Nacional (PROFSOCIO UNEMAT)

Ciências e Humanidades para a Educação Básica

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT),

Campus Universitário de Sinop

Sinop, Mato Grosso, Brasil

E-mail: adriana.araujo1@unemat.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-5706-2585>

Celina Elias Gomes Gonçalves

Mestranda do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO UNEMAT)
Ciências e Humanidades para a Educação Básica
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT),
Campus Universitário de Sinop
Sorriso, Mato Grosso, Brasil
E-mail: celina.goncalves@unemat.br
Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-2348-4315>

Graziele Paceliuka de Cáprio Cardovani

Mestranda do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO UNEMAT)
Ciências e Humanidades para a Educação Básica
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT),
Campus Universitário de Sinop
Cuiabá, Mato Grosso, Brasil
E-mail: graziele.cardovani@unemat.br
Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-3692-8162>

Mauricy de Oliveira Rosa Schorr

Mestranda do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO UNEMAT)
Ciências e Humanidades para a Educação Básica
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT),
Campus Universitário de Sinop
Sinop, Mato Grosso, Brasil
E-mail: mauricy.schorr@unemat.br
Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-3141-7385>

Osmara Evangelista Barbosa

Mestranda do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO UNEMAT)
Área: Ciências e Humanidades para a Educação Básica
Instituição de Formação: Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT),
Campus Universitário de Sinop
Endereço: Juara, Mato Grosso, Brasil
E-mail: osmara.barbosa@unemat.br
Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-2336-6465>

Solayne Gomes Maciel Oliveira

Mestranda do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO UNEMAT)
Ciências e Humanidades para a Educação Básica
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT),
Campus Universitário de Sinop
Poconé, Mato Grosso, Brasil
E-mail: solayne.oliveira@unemat.br
Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-9931-0508>

RESUMO

Este trabalho visa denunciar elementos típicos do machismo estrutural na sociedade brasileira, evidenciados pela abordagem midiática dispensada ao caso de Daniel Alves, jogador de futebol que foi acusado de estuprar uma moça na boate Sutton, em Barcelona, no mês de dezembro de 2022. E o caso de Sandra Mara Fernandes, empresária que durante um surto psicótico se relacionou sexualmente dentro de seu carro com o homem em situação de rua Givaldo Alves, em Planaltina (DF), em março de 2022. A metodologia de caráter qualitativo se pauta em categorias teóricas capazes de explicar as relações entre mídia, hegemonia e sociedade. O objetivo é salientar que até mesmo em notícias em que o assunto principal é o erro de um homem, a cultura machista enaltece a figura masculina, enquanto deturpa a imagem de mulheres envolvidas.

Palavras-chave: Machismo estrutural, Desigualdade de gênero, Análise do discurso.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo busca analisar com veemência como a mídia tratou os assuntos sobre dois casos que tiveram grande repercussão no Brasil e discutir como tais abordagens podem influenciar na construção da imagem que a sociedade cria com relação aos envolvidos, neste caso, concentrado nas questões de gênero, como, por exemplo, no ódio pelas mulheres e na vitimização dos homens.

O primeiro caso se trata da acusação de uma jovem de 23 anos contra o jogador de futebol Daniel Alves, onde a moça afirma ter sido abusada sexualmente por ele, em dezembro de 2022, dentro do banheiro da boate Sutton, localizada em Barcelona, Espanha. Em janeiro de 2023 a justiça espanhola iniciou as investigações e decretou a prisão preventiva do atleta devido às inconsistências em seu depoimento. A prova circunstancial que fez com que o jogador continuasse preso foi uma tatuagem de meia-lua próximo a sua virilha, identificada pela vítima no momento em que foi obrigada a praticar sexo oral nele, assim como ela afirma em depoimento à juíza Maria Concepción Canton Martín. Desde então, surgem matérias de desdobramentos do caso, nas quais a vida de Alves é pauta principal, enquanto a situação da jovem é colocada em segundo plano.

O segundo caso em questão ficou conhecido popularmente como o “‘mendigo’ de Planaltina”, no qual Sandra Mara Fernandes foi encontrada pelo esposo, o personal trainer Eduardo Alves, dentro de seu carro se relacionando sexualmente com o homem em situação de rua Givaldo Alves. Ao encontrar a esposa com Givaldo, Eduardo pensou que se tratava de um caso de estupro e então agrediu fisicamente o homem. A repercussão da mídia sobre o ocorrido teve grande impacto negativo na vida de Sandra que, enquanto estava hospitalizada sem ter a oportunidade de se pronunciar sobre o assunto, teve sua imagem completamente exposta em veículos que deram espaço para que Givaldo contasse sua versão dos fatos.

Os veículos por nós escolhidos para análise possuem características variadas, tanto nos assuntos que são selecionados para abordagem quanto na maneira como comunicam aos leitores. O objetivo era pontuar aspectos encontrados nas notícias que reforçam uma visão machista, com elementos que não deveriam fazer parte de textos de espécie narrativa, pois, como estudantes e profissionais de comunicação, sabemos que o propósito dessa tipologia jornalística é noticiar o ocorrido sem uso de juízo de valor, mesmo que indiretamente. Além disso, alteram o perfil factual da informação e reforçam estereótipos e desigualdade de gêneros por parte da sociedade.

2 PROCESSO METODOLÓGICO

Usamos como base de estudos a análise documental de matérias jornalísticas que abordaram assuntos relacionados aos casos mencionados. A respeito desse método, Lima nos diz que “a pesquisa documental pressupõe o exame ou o reexame de materiais que ainda não receberam qualquer tratamento analítico, no objetivo de fundamentar interpretações novas ou complementares sobre o que está sendo investigado” (Lima, 2008, p.56).

O corpus da pesquisa é composto por nove tipologias jornalísticas que serão expostas ao longo do resumo e que validam a discussão que pretendemos sustentar, assim sendo: “Esposa exclui Instagram após acusação de assédio contra Daniel Alves”, publicada pelo portal Ig; “Personal que espancou sem-teto defende esposa nas redes sociais”, publicada pelo Correio Brasiliense; “Conheça ‘irmã Sandrinha’, flagrada pelo marido personal ‘transando’ com morador de rua”, publicada pelo FANotícias; “Daniel Alves envia carta a Joana Sanz após término: 'Lutarei até o final'”, publicada pela Folha de S. Paulo; “Abatido e hostilizado: a vida de Daniel Alves na cadeia está um inferno graças a outros detentos”, publicada pelo portal Purepeople; “O último romântico? Veja as frases do Mendigo de Planaltina”, publicada pelo portal Dol; “O que leva boleiros como Daniel Alves a se envolver em crimes”, publicada pela Veja; “Vendo sua esposa com James Rodriguez, a fortuna que Dani Alves gasta para sair da prisão”, publicada pelo O Futeboleiro; “Conheça a super mansão de Daniel Alves (é de cair o queixo!)”, publicada pelo Portal do São Paulino.

A fim de alicerçar nossas argumentações, utilizamos como fonte de conhecimento estudos na área da comunicação de autores como Marcia Benetti e Nilson Lage, que nos auxiliam a entender como se desenvolve o discurso e quais são as responsabilidades do enunciador com relação ao que é e como é informado. Ao que diz respeito a problemas sociais, nos baseamos nas reflexões de Maria Stela Porto, para entender a atuação e responsabilidade da mídia em conteúdos relacionados a este tema, como também Nancy Fraser que explica como implicam as diferenciações sociais no mundo.

Com foco no machismo estrutural, trouxemos os pensamentos das autoras Márcia Couto e Lilia Schraiber que apresentam como é formada uma sociedade através dessa organização desigual entre gêneros e Helio Hintze explicando como seria o processo de desnaturalização do machismo estrutural no Brasil. Para reforçar todas essas discussões, destacamos uma consideração importante de Karen Boyle que reflete a abordagem midiática em crimes contra mulheres.

A abordagem desse artigo é de cunho qualitativo e tem como categorias fundamentais geração, juventude, gênero e mídia.

Partimos do entendimento de “geração” como uma categoria de análise teórica importante para a compreensão de “fatos sociais”, nos termos de Émile (Durkheim, 2007), consiste em maneiras de

agir, de pensar e de sentir que exercem determinada força exterior sobre os indivíduos, obrigando-os a se adaptar às regras da sociedade onde vivem. Assim, ele define três características para o fenômeno: generalidade, exterioridade e coercitividade. Nos referimos aos pressupostos dos “marcadores sociais da diferença” de acordo com o feminismo das diferenças, em Avtar (Brah, 2006), ao destacar que as variáveis constitutivas do sujeito social não são independentes e possibilitam pensar a diferença como uma ferramenta analítica.

Assumimos a compreensão da “juventude”, tendo em vista a perspectiva da sociologia, especificamente, em Karl (Mannheim, 1976). Esse sociólogo a define como um “agente revitalizador” da sociedade, cujas ações podem potencializar mudanças e renovação das estruturas sociais. A maior contribuição de Mannheim a respeito da discussão dos conceitos de geração e juventude reside na abordagem qualitativa com a qual analisa estes temas. Isto o faz romper com análises de até então que evidenciam apenas os aspectos biológicos e etários. Compreendida enquanto fenômeno social, a geração é analisada observando-se seus vínculos com os processos históricos e sua existência é perpassada pela interação social que se inscreve numa determinada estrutura de sociedade.

A respeito das ações juvenis, acionamos o conceito de “agência”. Para Sherry (Ortner, 2006), implica na maneira com que as pessoas tentam agir no mundo movidas por subjetividades tais como: intenções, desejos, sentimentos, pensamento e significados, construídas culturalmente e marcadas em estruturas e relações de poder.

A compreensão da categoria de “gênero” como uma ferramenta conceitual para analisar a complexidade da vida social humana revela que a produção de conhecimento está intrinsecamente ligada a disputas, relações de poder, hierarquias e desigualdades sociais. O conhecimento e suas formas de produção não devem ser considerados isolados da sociedade. A partir dessa perspectiva de gênero, examinamos as ‘formas locais e específicas de relações sociais e desigualdade social’ Michele (Rosaldo, 1995, p. 22), que resultam em sistemas desiguais de prestígio e privilégios (conforme Sherry Ortner), e os significados que emanam dessas dinâmicas permeiam nosso imaginário social. Judith (Butler, 2015) destaca a diferença entre sexo e gênero, concebendo este último como uma construção social que carrega significados relacionados aos corpos sexuados. Sob essa perspectiva, nenhuma diferenciação pode ser considerada naturalmente determinada. Mesmo quando existem regimes sociais que sustentam relações desiguais e hierárquicas, essas diferenças encontram respaldo na construção social da sexualidade.

Por fim a categoria “mídia” que perpassa conhecimentos tanto de base antropológica quanto sociológica dialoga com abordagens críticas de estudos de mídia em que consideram esse espaço como uma representação de valores hegemônicos na sociedade, o que ajuda a justificar a proteção ao homem

e detrimento ao desprestígio da mulher. O gênero jornalístico que é predominantemente baseado em audiência que hoje se mede em cliques tem predileção por histórias como a que envolveu Sandra Mara Fernandes, (Netto, 2021).

3 ANÁLISE DE CONTEÚDO DO CÓRPUS DE PESQUISA

Sabemos que o jornalismo tem como função social informar sobre os acontecimentos que se enquadrem nos critérios de noticiabilidade e compenentrem na neutralidade. Contudo, é pertinente pontuar que o mesmo é produzido por pessoas com vivências que influenciam na maneira a conduzir conteúdos que serão divulgados em esfera pública:

O jornalista que enuncia tem uma imagem sobre si, seu papel e sua identidade. Essa imagem está alicerçada tanto em ideais como verdade e credibilidade quanto na consciência (às vezes nem tão consciente assim, pois internalizada) sobre as condições de produção do discurso. O jornalista também tem uma imagem sobre seu leitor. (Benetti, 2008, p.19).

Sendo assim, nossa intenção é identificar nas matérias selecionadas, características que reverberam essa observação, uma vez que não deveriam estar presentes em textos de cunho noticioso e que, através do discurso, corroboram com a desigualdade de gênero.

De acordo com Couto e Schraiber, o machismo no Brasil “é tomado como um sistema de ideias e valores, que institui, reforça e legitima a dominação do homem sobre a mulher” (Couto; Schraiber, 2013, p.54), isso explica a “violência simbólica” praticada ao longo do tempo contra as mulheres, sobre o que é ser um homem e como deve agir uma mulher. (Hintze, 2008), por exemplo, conceitua que se os valores considerados “masculinos” pela sociedade são tidos como superiores a tudo que é de “origem feminina”, precisamos lembrar que esses preceitos são apenas construções oriundas do patriarcado e não necessariamente a verdadeira realidade, apesar do cenário social que presenciamos atualmente.

Dessa forma entendemos a necessidade de desnaturalizar o machismo estrutural no Brasil e a importância de uma reformulação na maneira como a mídia trata temas que envolvem diretamente homens e mulheres. Foi a fim de exemplificar essa concepção que fizemos o comparativo de matérias sobre o caso de Daniel Alves e o de Sandra Mara Fernandes.

Na matéria “Esposa exclui Instagram após acusação de assédio contra Daniel Alves”, publicada em 05 de janeiro de 2023, pelo portal Ig, notamos que após as acusações de estupro, Joana Sanz, até então casada com o atleta, desativa as redes sociais (que somavam mais de 800 mil seguidores e era sua ferramenta de trabalho) como uma forma de proteger o marido e esconder-se de represálias, mesmo que a modelo não tenha motivo para tal.

Ao contrário do marido de Sandra Mara, que agride Givaldo no mesmo momento em que flagra a situação com sua esposa, sem pensar nas consequências penais que poderia responder, apenas levando em consideração “defender a honra” de sua companheira e a dele próprio (informações contidas na notícia “Personal que espancou sem-teto defende esposa nas redes sociais”, publicada em 16 de março de 2022, pelo Correio Brasiliense). Observamos então que as decisões tomadas por ambas as partes, a da mulher de se esconder e a do homem de se defender, refletem justamente uma das principais discussões deste trabalho, a influência da opinião social na vida das pessoas a partir de machismo estrutural.

Outro exemplo significativo dessa desigualdade no tratamento de mulheres e homens, que identificamos na cobertura sobre ambos os assuntos, foi o texto intitulado “Conheça ‘irmã Sandrinha’, flagrada pelo marido personal ‘transando’ com morador de rua”, onde o autor, quando decide expor a identidade da envolvida, refere-se a ela como “infel” e ao longo do texto usa termos que fazem alusões ao fato da empresária ser uma pessoa cristã, como “santa esposa” ou “mulher muito espiritual”, discursos que debocham da ideologia de Sandra, correlacionando com o ocorrido e descaracterizando suas escolhas como mulher. Como estudantes e profissionais de comunicação, também sabemos que o uso de adjetivações reflete a opinião do emissor sobre o tema e as pessoas envolvidas, além de alterarem o perfil factual do texto.

Eliminam-se (com exceção das citações) adjetivos e categorias testemunhais, isto é, aqueles e aquelas cuja aplicação depende da subjetividade de quem produz a mensagem. Assim, evita-se dizer que alguém é próspero, bonito ou notável; prefere-se alinhar (ou exemplificar) os bens, reproduzir depoimentos de entendidos sobre a beleza ou contar episódios nos quais se comprova a notabilidade. Não conhecendo o autor do enunciado, o leitor geralmente não é capaz de avaliar os padrões de referência da aferição: em relação a que medida se é próspero, a que padrão temporal, étnico ou estético se reporta a aferição de beleza, e qual a natureza ou intensidade da notabilidade atribuída. (Lage, 2005, p.131).

Já a Folha de São Paulo publicou na íntegra uma carta de Daniel Alves direcionada à esposa, onde ele diz: “Entendo a dor que a situação injusta que estamos vivendo está causando e entendo que você não foi capaz de suportar toda essa pressão.”. Quando um veículo decide divulgar algo assim, além de descaracterizar publicamente a escolha racional de uma mulher, expõe indiretamente sua opinião através das palavras do jogador, como se concordasse que a modelo deveria permanecer ao lado do esposo como uma boa companheira, apesar do fato de ele ter estuprado uma jovem de 23 anos.

A incorporação da dominação pode ser compreendida, nessa linha de argumentação, como um habitus, ou seja, como um esquema de percepção, de pensamento e de ação que é objetiva e subjetivamente incorporado nos corpos sujeitos, produzindo uma lógica na qual a força da ordem masculina (e sua dominação) não necessita de justificação porque está alicerçada numa compreensão do mundo social como algo “dado”, “naturalizado” e, portanto, legitimado (Couto; Schraiber, 2013, p.55).

É em consequência dessa estruturação machista que o homem ainda é colocado como vítima, portanto, manchetes como “Abatido e hostilizado: a vida de Daniel Alves na cadeia está um inferno graças a outros detentos”, encontrada no portal Purepeople, são muito comuns nos meios de comunicação. Ao utilizar as adjetivações “abatido” e “hostilizado”, o esportista é posto em um lugar de fragilidade, um “sobrevivente” do sistema prisional da Espanha, como se ele não merecesse estar preso em Brians II. Entretanto, é necessário pontuar que esse centro de detenção possui cela e banheiro privativos e maior estrutura, além de menos quantidade de internos, por ser um local conhecido por encarcerar famosos.

Já no contexto de Sandra Mara, Givaldo Alves foi situado como vítima tanto da “sedução” de uma mulher quanto da agressão do marido dela. Ademais, reconhecido como herói por ter se relacionado sexualmente com alguém que está em classe social elevada em comparação a ele, como identificado no trecho “Ele surpreendeu o país com um rico e complexo vocabulário e declarações apaixonadas sobre a mulher que marcou sua vida para sempre.”, encontrado no site de notícias Dol, quando reverberaram falas de Givaldo sobre seu envolvimento com a empresária. Ou seja, subentende-se que devido a sua condição social não é comum que este homem tenha uma linguagem tão coloquial. Sendo assim, a mídia percebendo o surgimento de um personagem “excêntrico”, se aproveita do envolvimento com Sandra e da conjuntura social em que ele se encontra, para reforçar a imagem de paladino.

Para Porto (2009) “as mídias constituem [...] um dos principais produtores de representações sociais, as quais, para além de seu conteúdo como falso ou verdadeiro, têm função pragmática como orientadoras de condutas dos atores sociais.” (Porto, 2009, p.211), portanto a mídia deve reconhecer a sua proeminência no ato de informar para que seja de forma responsável, sabendo que detém o poder de induzir o rumo de situações variadas.

No artigo “O que leva boleiros como Daniel Alves a se envolver em crimes”, por exemplo, o autor cita casos semelhantes ao do atleta envolvendo seus colegas de profissão, e diz que “Em geral, os envolvidos são jovens de origem humilde, com pouca instrução e que, de uma hora para a outra, passam a ganhar fortunas. As circunstâncias criam um mundo ilusório feito de facilidades, tentações e uma sensação despropositada de poder.”, mais uma vez se baseiam em questões socioculturais para validar a própria opinião do veículo e, neste caso, justificar crimes contra mulheres cometidos por eles.

[...] a predominância da atenção midiática para os casos mais graves e incomuns e/ou possuidores de outros elementos de destaque, como uma celebridade como agressor/a ou vítima. [...] as narrativas do crime podem dividir as vítimas entre “merecedoras” e “não merecedoras” daquela conduta criminoso. (Boyle, 2005 apud Fernandes, 2022, p.4).

O redator do O Futeboleiro no informe “Vendo sua esposa com James Rodriguez, a fortuna que Dani Alves gasta para sair da prisão”, diz logo de cara que ele “enfrenta uma das situações mais difíceis de sua vida”, considerando que o estado emocional dele seja mais relevante do que ao da mulher que sofreu a agressão. Novamente percebemos como a utilização de adjetivação afeta o perfil factual da notícia e dá abertura para que a audiência possa ter opiniões semelhantes às do emissor que, inclusive, segue dizendo “Segundo a mulher que o acusa [...]”, cedendo a dúvida sobre a culpa do futebolista brasileiro e contribuindo para que o depoimento da mulher seja desvalorizado.

Inclusive, enquanto a mídia repercutiu a todo tempo temas relacionados ao envolvimento de Sandra com Givaldo, o crime cometido por Alves foi colocado muitas vezes em segundo plano, ignorando a importância do que aconteceu. Bem como na matéria “Conheça a super mansão de Daniel Alves (é de cair o queixo!)” do Portal do São Paulino, publicada no dia 6 de março de 2023, durante as investigações do incidente.

Levando em consideração que os dois últimos veículos analisados são voltados ao jornalismo esportivo e que essa é uma categoria jornalística que obtém um público predominantemente masculino, observamos que não somente há uma desvalorização do que se refere ao feminino, como também há uma supervalorização da figura masculina em ambas as matérias, como se o objetivo com tais discursos e abordagens fosse justamente a atenção dessa audiência através da identificação.

Em (Fraser, 2006) afirma-se que “o gênero não é somente uma diferenciação econômico-política, mas também uma diferenciação de valoração cultural” (Fraser, 2006, p. 234), a modo que quando o jornalista opta por escrever sobre a mansão de Daniel Alves, por exemplo, em vez de noticiar o crime cometido por ele, há a intenção de revalidar o lugar que este homem ocupa socialmente, visto que o lugar de privilégio de uma pessoa dita o que ela representa para as outras pessoas.

Toda a repercussão gerada em ambos os casos, favorece ativamente com a cultura de desigualdade entre gêneros e, por assim dizer, podemos afirmar que a decisão da mídia em reforçar estereótipos e discursos de ódio contra mulheres em suas abordagens, parte da intenção de tentar manter a integridade masculina e contribui para a formação de uma sociedade baseada em uma estruturação completamente machista.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu nos oferece para essa discussão um rico entendimento sobre como as relações de poder se manifestam nas práticas cotidianas e nas construções sociais, refletindo-se nas experiências vivenciadas pela juventude. Para ele esta fase sendo de transição e formação da identidade, é profundamente influenciada por diversas estruturas sociais, entre elas está a dominação masculina (Bourdieu, 2012, p.7-11).

Importante aqui destacar que segundo o Estatuto da Juventude que dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. por “jovem” compreende as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade¹ no Brasil. Segundo dados do IBGE em 2023 “o Brasil possuía um pouco mais de 48,5 milhões de jovens corresponde cerca de aproximadamente 25% da população. Outros dados apontados sobre a Educação levantados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) desse percentual é que “15,3% delas estavam ocupadas e estudando, 19,8% não estavam ocupadas nem estudando, 25,5% não estavam ocupadas, porém estudavam e 39,4% estavam ocupadas e não estudavam”².

Pierre Bourdieu introduziu no seu livro sobre “A dominação Masculina” (2012) o conceito de “habitus”, que se refere ao conjunto de disposições que os indivíduos adquirem através de suas experiências sociais e culturais. A partir disso, pode-se entender que na juventude, o “habitus” é moldado por fatores como a família, os externos – como a escola e os grupos de amizade, onde as normas e os valores de gênero são aprendidos e reforçados. Para ilustrar o tema discutido no início deste artigo, assim, a dominação masculina se manifesta nesse contexto, impondo padrões de comportamento que muitas vezes limitam as opções e as expressões de identidade dos meninos na adolescência, e especialmente das meninas.

Visto que a cultura juvenil não é neutra; ela é permeada por simbolismos que frequentemente exaltam características tradicionalmente masculinas, transmitidas na mídia, nos modelos que estiveram sempre presentes, e atitudes como a competitividade e a agressividade, enquanto desvalorizam traços comportamentais considerados femininos, como a empatia e a cooperação. Essa construção social contribui para a perpetuação de estereótipos que restringem tanto os meninos quanto as meninas, criando um espaço no qual a masculinidade hegemônica se torna o ideal a ser alcançado, e quais traços podem ser seguidos a partir dos modelos disponíveis que são reforçados como o de “virilidade” nos casos apresentados pelo Daniel Alves e o de “fragilidade” associada ao “descontrole emocional” de Sandra Mara?

Além do mais, como demonstra (Bourdieu, 2012) a dominação masculina se reflete nas relações sociais, onde os jovens podem sentir muita pressão para se conformar as expectativas de

¹ Lei onde se encontra o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens no Brasil. Ver site https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm Acesso em 23 de setembro de 2024.

² Dados divulgados sobre estatísticas sociais e educação do IBGE. Ver site [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-denoticias/noticias/39531-uma-em-cada-quatro-mulheres-de-15-a-29-anos-nao-estudava-e-nem-estava-ocupada-em2023#:~:text=No%20Brasil%2C%20em%202023%2C%20havia,estavam%20ocupadas%20e%20n%3%A3o%20estudavam](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-denoticias/noticias/39531-uma-em-cada-quatro-mulheres-de-15-a-29-anos-nao-estudava-e-nem-estava-ocupada-em2023#:~:text=No%20Brasil%2C%20em%202023%2C%20havia,estavam%20ocupadas%20e%20n%3%A3o%20estudavam.). Acesso em 23 de setembro de 2024.

gênero. Isso pode conduzir à reinvenção de práticas de dominação e submissão, que se manifestam em formas de comportamentos violentos ou em dinâmicas de poder nas relações amorosas e de amizade. No caso das jovens, a exemplo, muitas vezes elas enfrentam a dupla carga de terem que lutar contra esses estereótipos e, ao mesmo tempo, tendo que tentar encontrar seu espaço em um mundo que muitas vezes as silencia.

“Como a honra — ou a vergonha, seu reverso, que, como sabemos, à diferença da culpa, é experimentada diante dos outros—, a virilidade tem que ser validada pelos outros homens, em sua verdade de violência real ou potencial, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de "verdadeiros homens". Inúmeros ritos de instituição, sobretudo os escolares ou militares, comportam verdadeiras provas de virilidade, orientadas no sentido de reforçar solidariedades viris. Práticas como, por exemplo, os estupros coletivos praticados por bandos de adolescentes — variante desclassificada da visita coletiva ao bordel, tão presente na memória dos adolescentes burgueses —, têm por finalidade pôr os que estão sendo testados em situação de afirmar diante dos demais sua virilidade pela verdade de sua violência, isto é, fora de todas as ternuras e de todos os enternecimentos desvirilizantes do amor, e manifestar de maneira ostensiva a heteronomia de todas as afirmações da virilidade, sua dependência com relação ao julgamento do grupo viril (Bourdieu, 2012, p. 65-67)”.

No entanto, a juventude também é um espaço de resistência e transformação, onde por muito tempo vista como o ‘futuro’. De movimentos sociais, as muitas formas de ativismos e a busca por igualdade de gênero têm se tornado cada vez mais proeminentes entre os jovens, dessa maneira, desafiando as normas estabelecidas e propondo novas formas de ser e de se relacionar. E através da educação, da expressão de sua arte e da mobilização social, e através dos recursos dispostos nas redes, muitos jovens estão se unindo para questionar a dominação masculina na busca por construir um futuro melhor e mais igualitário onde também abarque a diversidade.

Outro sociólogo importante é Erving Goffman em seu livro “Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise” de (2012), para se compreender as interações sociais dos jovens e como eles navegam pelos quadros da experiência social e como suas interações são influenciadas pelo contexto social ao qual fazem parte. Em “Representação do Eu na vida cotidiana” (1992), uma de suas obras, enfatiza a importância do “eu” como uma construção social que se manifesta em diversas situações. Para este autor, a vida social pode ser vista como um palco – um teatro, onde cada indivíduo desempenha diferentes papéis de acordo com o ambiente e o público presente. A partir desse conceito é um ponto relevante ao analisarmos a juventude, por ser uma fase em que os jovens (meninos e meninas) estão em busca de suas identidades e frequentemente experimentam diferentes papéis sociais.

Está presente nesta fase a importância da "performatividade" nas suas interações sociais, onde os indivíduos se apresentam em diferentes contextos, adaptando seus comportamentos e suas identidades conforme o público e a situação. Desse modo, para a juventude, essa ideia é especialmente significativa, uma vez que os jovens estão em um constante processo de descoberta e afirmação de

suas identidades. Além disso, a adolescência e o início da vida adulta e são momentos cruciais em que os jovens experimentam, o que (Goffman, 1992) aponta como diversas "máscaras" sociais, testando quem são e quem desejam se tornar.

Temos que (Goffman, 2012), descreve sobre os "quadros" que utilizamos para interpretar nossas experiências sociais. E que esses quadros são estruturas cognitivas que nos ajudam a dar sentido às situações e interações. Pode-se entender que para os jovens, os quadros da experiência social podem ser influenciados por fatores como a cultura, a mídia e as redes sociais (Facebook, Tik Tok, Instagram entre outras). Com a ascensão do universo digital, os jovens frequentemente se veem navegando por múltiplos quadros, locais onde as expectativas sociais podem facilmente ser distorcidas ou amplificadas, espaços que requerem cuidados do conteúdo/conhecimento que está sendo adquirido.

Outro fator para se levar em consideração, é que os jovens, muitas vezes, se encontram em um estado de transição, onde suas vivências são permeadas por incertezas e momento de busca por 'pertencimento'. As análises realizadas por (Goffman, 1992, 2012) nos ajudam a entender como esses indivíduos utilizam estratégias de apresentação de si mesmos para se encaixar nesses múltiplos grupos sociais - seja na escola, entre os amigos, ou nas redes sociais. E que a construção da identidade juvenil, portanto, acontece em um constante 'jogo de aparências e impressões', onde a autenticidade é frequentemente questionada e negociada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De tudo que foi analisado e todas as discussões que desenvolvemos ao longo deste artigo, é legítimo afirmar que o machismo estrutural existe e é naturalizado pela sociedade brasileira. Os homens entendem essa problemática, porém não assumem que sejam machistas. A mídia como formadora de opinião tem grande significância neste processo, uma vez que reforça ainda mais essa construção de dominação e desigualdade, quando devia realizar exatamente a manobra contrária, pois está em todo lugar e em constante interação com as pessoas.

Nas matérias selecionadas ficou nítido que aos homens sempre foram cedidos espaços para retratação e assegurados com a oportunidade de conquistar a empatia do público leitor. Às mulheres o que restou foram exposições baseadas em julgamentos e discursos pejorativos, afetando negativamente tudo o que diz respeito a elas. Assim, colocaram a todo momento os homens em patamares superiores aos das mulheres. Portanto, foi também nosso propósito denunciar essa realidade que não apenas prejudica diretamente as mulheres, como também atrapalha os desenvolvimentos sociais, culturais e econômicos do Brasil e do mundo.

Enquanto estudantes e profissionais de imprensa, além de zelar pela ética e integridade no exercício da profissão, precisamos lançar luz sobre questões que implicam nos espaços que homens e mulheres ocupam na sociedade e gerar uma reflexão nas pessoas que possa ser capaz mudar a realidade que estamos vivendo, dentro e fora da mídia. Por conseguinte, quebrando essa linha contínua do machismo estrutural que cerceia todos nós, para talvez uma vida pública mais justa e de equidade.

No que concerne a questões geracionais podemos destacar que casos públicos como os de Daniel Alves e Sandra Mara Fernandes quando explorados pelos meios de comunicação possuem repercussões no meio da juventude e influenciam na maneira como meninos e meninas enxergam um ao outro e a si mesmos. Essa abordagem pode contribuir tanto para a emancipação humana quanto para a propagação de preconceitos e estereótipos. É necessário ter um olhar crítico sobre tais discursos.

REFERÊNCIAS

- BENETTI, Marcia. O jornalismo como gênero discursivo. São Paulo, SP: Galáxia, n. 15, jun. 2008, 13-28. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3996/399641241002.pdf>>. Acesso em: 05 de jul. 2023.
- BORDIEU, Pierre. A dominação masculina. 11ª ed. Rio de Janeiro. Tradução Maria Helena Bertrand, 2012.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. Cadernos Pagu, Campinas, Unicamp, n. 26, 2006.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CASTRO, Luiz Felipe. O que leva boleiros como Daniel Alves a se envolver em crimes. Veja, 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/esporte/o-que-leva-boleiros-como-daniel-alves-a-se-envolver-emcrimes/?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=eda_veja_audilancia_editoria_esporte&gad=1&gclid=CjwKCAjwqZSIBhBwEiwAfoZUIE89MJLTybfSry3aKBqm04J5f k7CxYZuNr4fZXanUHhf2FEnMu2pRoCRxQQAvD_BwE>. Acesso em: 06 de jul. 2023.
- COUTO, Márcia Thereza; SCHRAIBER, Lilia Blima. Machismo hoje no Brasil: Uma análise de gênero das percepções dos homens e das mulheres. In: VENTURI, Gustavo et. all (Orgs.). Mulheres Brasileiras e Gênero nos Espaços Público e Privado. São Paulo, SP: SESC/Fundação Perseu Abramo, 2013, 47-61.
- DIOGO, Darcianne; MARTINS, Rafaela; GIOVANNI, Pablo. Personal que espancou sem-teto defende esposa nas redes sociais. CorreioBraziliense, 2022. Disponível em: <<https://www.correiobrasiliense.com.br/cidades-df/2022/03/4993674-personal-que-espanc-ou-homem-em-situacao-de-rua-defende-esposa-nas-redes-sociais.html>>. Acesso em: 03 de jul. 2023.
- DOL. O último romântico? Veja as frases do Mendigo de Planaltina. Dol, 2022. Disponível em: <<https://dol.com.br/noticias/brasil/704436/o-ultimo-romantico-veja-as-frases-do-mendigo-de-planaltina?d=1>>. Acesso em: 05 de jul. 2023.
- DURKHEIM, É. As Regras do Método Sociológico, São Paulo, Martins Fontes, 2007.
- FANOTÍCIAS. Conheça ‘irmã Sandrinha’, flagrada pelo marido ‘transando’ com o morador de rua. FANotícias, 2022. Disponível em: <<https://fanoticias.com.br/conheca-irma-sandrinha-flagrada-pelo-marido-personal-transando-com-morador-de-rua/>>. Acesso em: 04 de jul. 2023.
- FERNANDES, Brenda Camili Alves. Para os jornais a mulher importa, desde que esteja morta: a violência contra as mulheres na mídia. Universidade do Minho: Instituto de Ciências Sociais, 2022. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/79727/1/Brenda%20Camilli%20Alves%20Fernandes.pdf>>. Acesso em: 3 de ago. 2023.
- GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Tradução Maria Celia S. Raposo. 5ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1992.

_____. Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise. Peirópolis/RJ: Vozes, 2012.

FOLHA DE SÃO PAULO. Daniel Alves envia carta a Joana Sanz após término: 'Lutarei até o final'. Folha de S. Paulo, 2023. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2023/03/daniel-alves-envia-carta-a-joana-sanz-apos-termino-lutarei-ate-o-final.shtml>>. Acesso em: 04 de jul. 2023.

FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era “pós- socialista”. São Paulo, SP: Cadernos de campo, n. 14/15, p. 231-239, 2006.

GOMES, Caio César. Conheça a super mansão de Daniel Alves (é de cair o queixo!). Portal do São Paulino, 2023. Disponível em: <<https://portaldosaopaulino.com.br/conheca-a-super-mansao-de-daniel-alves-e-de-cair-o-queixo/>>. Acesso em: 06 de jul. 2023.

HINTZE, Helio (org.). Desnaturalização do machismo estrutural na sociedade brasileira. 1. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2020.

QUEIROZ, Matheus. Abatido e hostilizado: a vida de Daniel Alves na cadeia está um inferno graças a outros detentos. Purepeople, 2023. Disponível em: <https://www.purepeople.com.br/noticia/como-esta-a-vida-de-daniel-alves-na-cadeia_a378693/1>. Acesso em: 06 de jul. 2023.

LAGE, Nilson. Teoria e Técnica do Texto Jornalístico. 7ª tiragem. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2005.

LIMA, Manolita Correia. Monografia: a engenharia da produção acadêmica. São Paulo, SP: Saraiva, 2008.

MANNHEIM, Karl. Funções das gerações novas. In: PEREIRA, L.; FORACCHI, Maria. M. Educação e Sociedade. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

MARTINEZ, Thiago. Esposa exclui Instagram após acusação de assédio contra Daniel Alves. Portal Ig, 2023. Disponível em: <<https://esporte.ig.com.br/futebol/internacional/2023-01-05/esposa-exclui-instagram-acusacao-assedio-daniel-alves.html>>. Acesso em: 03 de jul. 2023.

NETTO, Miguel Rodrigues (org.). Diálogos em comunicação: reflexões em cenários contemporâneos. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021.

ORTNER, Sherry. Poder e projetos: reflexões sobre a agência. IN: Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas. GROSSI, Mirian Pillar et al (org.). Goiânia: Nova Letra, 2006.

PAZ, Romário. Vendo sua esposa com James Rodriguez, a fortuna que Dani Alves gasta para sair da prisão. O Futeboleiro, 2023. Disponível em: <<https://www.ofutebolero.com.br/brasileirao/Vendo-sua-esposa-com-James-Rodriguez-a-fortuna-que-Dani-Alves-gasta-para-sair-da-prisao-20230624-0024.html>>. Acesso em: 06 de jul. 2023.

PORTO, Maria Stela Grossi. Mídia, segurança pública e representações sociais. São Paulo, SP: Tempo Social, v. 21, n.2, 211-223, 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ts/a/SZBLdn3t3YNTphwRg7QCdPF/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 2 de ago. 2023.

ROSALDO, Michelle. O uso e abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e entendimento intercultural. Horizontes antropológicos. Dossiê Gênero. 1, 1995.